

# Nietzsche e as perspectivas do perspectivismo

Thiago Mota\*

**Resumo:** Este artigo propõe um balanço do debate recente acerca do perspectivismo de Nietzsche cujos objetos de disputa são o *problema da referência ao devir* e o *problema da auto-referência* ou o *puzzle* do perspectivismo. Cinco posições se delineiam no debate: 1) *perspectivismo metafísico*, 2) *perspectivismo hermenêutico-fenomenológico*, 3) *perspectivismo transcendental*, 4) *perspectivismo semântico* e 5) *perspectivismo pragmático*. Nossa conclusão é que a leitura pragmática do perspectivismo é aquela que oferece mais vantagens para a reconstrução do perspectivismo, pois ela permite pensar de modo anti-fundacionista e anti-correspondencialista e ao mesmo tempo autoriza falar nos termos de um *perspectivismo pragmático-agonístico*.

**Palavras-chave:** conhecimento – linguagem – perspectivismo – pragmatismo – agonística

## *Introdução*

“Perspectivismo” é a designação corriqueira para a suposta teoria do conhecimento de Nietzsche, cuja idéia básica resume-se nas seguintes palavras: “não há fatos, apenas interpretações” (KSA 12.315, Nachlass/FP 7[60]), que, no nosso entender, têm significação equivalente ao trecho de *Para além do bem e mal* que diz, demonstrando as pretensões do discurso de uma *hard science* como a física:

\* Doutorando em Filosofia pela Université Catholique de Louvain.

“isso é interpretação e não texto” (JGB/BM 22, KSA 5.37).<sup>1</sup> No entanto, ao dizer que o perspectivismo é uma teoria do conhecimento e precisamente aquela que se desenvolve em Nietzsche, já tocamos em, pelo menos, dois problemas. O primeiro consiste em saber se há algo como uma teoria do conhecimento, uma *Erkenntnistheorie*, nos escritos de Nietzsche. Em caso afirmativo, deparamo-nos com um segundo problema: em que medida essa teoria pode se inserir como uma posição forte no debate epistemológico contemporâneo. Um panorama da discussão atual acerca do perspectivismo é capaz de lançar alguma luz sobre esses problemas.

O uso cada vez mais recorrente do termo “perspectivismo” em círculos intelectuais variados<sup>2</sup>, de modo especial, mas não exclusivamente, no debate filosófico contemporâneo, por si só justifica uma tentativa de compreensão do que se quer dizer com o mesmo. Defensores e críticos do perspectivismo muitas vezes não falam sobre a mesma coisa. O termo adquiriu, como não é raro ocorrer, uma pluralidade semântica que parece se confundir com aquilo mesmo que o termo quer significar. O perspectivismo é, entre outras coisas, a afirmação de que há uma pluralidade de sentidos, uma polissemia irreduzível, no limite, a uma definição unívoca e não ambígua. Num aforismo de título *Nosso novo “infinito”*, Nietzsche dá conta disso: “penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele

---

<sup>1</sup> A contrapartida prática dessa formulação teórica é a seguinte: “não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos” (JGB/BM 108, KSA 5.92), com base na qual se pode falar em um *perspectivismo ético*.

<sup>2</sup> Além da filosofia, o termo “perspectivismo” é empregado, por exemplo, em teoria literária (*perspectivismo narrativo*) e antropologia. O mais célebre desses casos talvez seja o conceito de *perspectivismo ameríndio* cunhado pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Cf. CASTRO, E. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. In: *Mana. Rio de Janeiro*, v. 2, n. 2, 1996, p. 115-144.

*pode-se* ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*” (FW/GC 374, KSA 3.627). Portanto, não é por acaso que “perspectivismo” ocorre em diversos empregos.

A genealogia do termo certamente antecede a Nietzsche. Segundo F. Kaulbach, seu uso foi introduzido em filosofia por Leibniz, no interior do modelo monadológico. Kant também o teria utilizado em sua filosofia transcendental. Desse modo, a discussão atual acerca do perspectivismo excede em muito os limites da *Nietzsche-Forschung*. Exemplo disso é um volume organizado por V. Gerhardt e N. Herold com o título *Perspektiven des Perspektivismus*<sup>3</sup>, que mostra a fecundidade da noção em diferentes autores e campos de investigação filosófica. Entretanto, é principalmente devido à influência de Nietzsche que o termo se dissemina pela filosofia e alhures.

Apesar disso, o uso de “*Perspektivismus*” em Nietzsche se revela surpreendentemente raro. Em geral, apontam-se apenas três momentos de emprego efetivo do termo na vastidão de seus escritos publicados e póstumos.<sup>4</sup> Bem mais frequente é, por outro lado, a utilização de “perspectiva” (“*Perspektive*”) e seus derivados, como *perspectivístico*, empregado tanto como adjetivo, “*perspektivistische*”

<sup>3</sup> Coletânea de ensaios publicada em homenagem a Kaulbach que discute o perspectivismo em vários autores além de Nietzsche, tais como Bacon, Descartes, Kant, Frege, abordando questões de antropologia filosófica, filosofia da natureza e da ciência, teoria do conhecimento, epistemologia, teoria da ação, estética etc. Cf. GERHART, V.; HEROLD, N. (orgs.). *Perspektiven des Perspektivismus: Gedenkschrift für Friedrich Kaulbach*. Würzburg: Königshausen, Neumann, 1992.

<sup>4</sup> A saber, uma vez na *Gaia ciência* (FW/GC 374, KSA 3.626) e mais duas nos póstumos dos anos 1885-1889 (Nachlass/FP, 7[60], KSA 12.315) e primavera 1888 (KSA 13.373, 14[186]). Cf. COX, C. *Nietzsche: Naturalism and Interpretation*. Berkeley: University of California Press, 1999, p. 109.

(GM/GM III, 12, KSA 5.365), quanto como substantivo, “*das Perspektivistische*” (JGB/BM, *Prólogo*, KSA 5.12), que ocorrem de modo cada vez mais freqüente a partir de 1885.

A despeito dessa escassez, o perspectivismo se torna um motivo central nas discussões acerca da obra de Nietzsche, sobretudo, a partir da década de 1960.<sup>5</sup> Em parte em função desse déficit de evidências textuais, não há minimamente consenso acerca do que se entende por perspectivismo em Nietzsche. Toda investigação a respeito do tema lida com um amontoado de fragmentos, peças soltas de um quebra-cabeça, cujas possibilidades de interpretação são muitas e, enquanto tais, constituem-se como reconstruções peculiarmente criativas. O *quebra-cabeça do perspectivismo* é marcado por uma incompletude característica, que leva o intérprete a colher em algum lugar fora da imanência dos textos nietzschianos as peças que faltam. Portanto, o trabalho de interpretação do perspectivismo nietzschiano jamais se restringe a mero esforço exegético, tendo, por conseguinte, um aspecto inevitavelmente propositivo, incomum na pesquisa filosófica padrão. Com relação ao perspectivismo, portanto, torna-se particularmente pertinente a idéia de que interpretar é criar.

E são muitas as possibilidades de reconstrução do perspectivismo, tantas que retomá-las amiúde equivaleria a compor toda uma história da filosofia desde Nietzsche até os dias atuais. Nem de longe temos tal pretensão. Não obstante, podemos pôr as cartas à mesa mostrando quais são os delineamentos básicos das posições em jogo.

---

<sup>5</sup> A *Nietzsche-Bibliographie* da Klassik Stiftung Weimer registra 143 obras para a entrada de busca “*Perspektivismus*”, que vão se tornando mais recorrentes a partir dos anos sessenta. Disponível em: <http://ora-web.swkk.de:7777/swk-db/niebiblio/index.html>.

Minha sugestão consiste, então, em tomar como linhas interpretativas centrais no debate acerca do perspectivismo nietzschiano as seguintes: 1) *perspectivismo metafísico*, 2) *perspectivismo hermenêutico-fenomenológico*, 3) *perspectivismo transcendental*, 4) *perspectivismo semântico* e 5) *perspectivismo pragmático*.

### 1. *Perspectivismo metafísico*

Diversos intérpretes entendem que o perspectivismo não é de forma alguma uma *Erkenntnistheorie*, mas uma doutrina ontológica. O problema central com que têm de lidar tais intérpretes deriva de que Nietzsche fez do ataque à ontologia e à metafísica, que ele parece não dissociar, uma profissão de fé. Ele afirma, por exemplo, que

A força inventiva, que tem poetado categorias, labora a serviço da necessidade, ou seja, da segurança, do entendimento rápido à base de sinais e sonidos, de reducionismos: – não se trata de verdades metafísicas nos casos de “substância”, “sujeito”, “objeto”, “ser”, “dever”. – Os poderosos é que do nome de coisas fizeram leis: e entre os poderosos foram os grandes artistas da abstração que elaboraram as categorias (KSA 12.237, Nachlass/FP 6[11]).

Nessa constelação, fica difícil imaginar como se poderia interpretar o perspectivismo como uma espécie de ontologia.

Os que defendem essa posição, no entanto, se servem de outras passagens de Nietzsche, em que este suprime a possibilidade de uma teoria do ser, em nome de uma teoria do dever, a que se refere em seus últimos escritos com o conceito de vontade de potência: “O mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’, e

nada mais. –” (JGB/BM 36, KSA 5.55).<sup>6</sup> Tratar-se-ia de uma ontologia da pluralidade, ao invés da unidade, da diferença, ao invés da identidade, da imanência, ao invés da transcendência. A questão que surge aí é como se dá, em Nietzsche, o acesso a essa realidade perspectivisticamente estruturada e em que sentido o perspectivismo ontológico não repõe aquilo mesmo que ele pretende negar. Essa é uma das questões cruciais a serem enfrentadas numa reconstrução do perspectivismo: o problema da referência ao devir.

Heidegger enfrenta essa questão ao elaborar uma interpretação que designamos aqui como *perspectivismo metafísico*. Diga-se de saída que se trata de uma “reconstrução desconstrutivista”<sup>7</sup>, ou seja, uma interpretação eminentemente crítica do perspectivismo. Para Heidegger, a despeito de todo o esforço crítico que possa ter realizado, o pensamento de Nietzsche é tão metafísico quanto o de Platão. A metafísica de Nietzsche representaria o acabamento da tradição metafísica na medida em que atualiza e esgota todas as possibilidades dessa mesma tradição. A crítica que Heidegger dirige a Nietzsche é, assim, a mesma que ele opõe à tradição metafísica em conjunto: a filosofia nietzschiana seria, também ela, uma forma de *esquecimento do ser*.

Em Nietzsche, o esquecimento do ser se dá por meio da metafísica da vontade de potência. De acordo com Heidegger, “a vontade

---

<sup>6</sup> W. Müller-Lauter diz: “Do pensar não-metafísico de Nietzsche, falo apenas quando apresento, de modo imanente, seu entendimento de metafísica. Se compreendemos, porém, metafísica de modo muito mais abrangente, como o perguntar pelo ente em sua totalidade e enquanto tal, então temos que, segundo minha concepção, designar também Nietzsche como metafísico” (MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. 2.ed. Trad. O. Giacoia Jr. São Paulo: Annablume, 1997, p. 72).

<sup>7</sup> Cf. MARQUES, A. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/Ed. UNIJUÍ, 2003, p. 120.

de potência é o caráter fundamental do ente enquanto tal (...) é o caráter fundamental da vida. ‘Vida’ é para Nietzsche outra palavra para dizer ser”.<sup>8</sup> Assim, “todo ente, posto que se essencializa como vontade de potência, é ‘perspectivista’”.<sup>9</sup> Nesse contexto, o perspectivismo surge como um dos aspectos da metafísica de Nietzsche. Heidegger o compreende basicamente à luz de um fragmento póstumo que diz que “por meio do qual todo centro de força – e não somente o homem – construiu, partindo de si mesmo, todo o resto do mundo, quer dizer que o homem mede, apalpa e aplaina o mundo segundo sua própria força...” (KSA 13.373, Nachlass/FP 14[186]).

Desse modo, perspectivismo quer dizer, “a constituição do ente como ver que põe pontos de vista e calcula”.<sup>10</sup> O perspectivismo é o caráter mesmo do ente, é a vontade de potência presente em cada ente em particular que lança sobre a totalidade do ente sua perspectiva para organizar a partir de si essa totalidade em função de seu interesse de poder, de conservação e crescimento. Como diz Heidegger, “a vontade de potência é, em sua essência mais íntima, um contar perspectivista com as condições de sua possibilidade, condições que ela mesma põe como tais”.<sup>11</sup>

O perspectivismo seria metafísico precisamente porque para uma teoria perspectivista do conhecimento não se trata de conhecer o ser, nem sequer o ente, mas de exercer poder sobre ele. Conhecimento é o processo por meio do qual o ser que conhece se apodera, em função de seus interesses vitais, do ser em geral. Na medida em

---

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Trad. J. L. Vermal. Barcelona: Destino, 2000. 2 v., cap. “La voluntad de poder”.

<sup>9</sup> *Idem*.

<sup>10</sup> *Idem*. No mesmo sentido, v. I, “La voluntad de poder como conocimiento”.

<sup>11</sup> *Idem*.

que entende que esse ser que conhece é o sujeito a partir do qual se lançam as perspectivas, Heidegger entende que o perspectivismo é uma forma de subjetivismo: “A vontade de potência se desvela como a subjetividade que se distingue por pensar em termos de valor. Apenas se experimenta o ente enquanto tal no sentido desta subjetividade, isto é, como vontade de potência”.<sup>12</sup> No perspectivismo nietzschiano se revela com toda clareza que o motivo fundamental da metafísica não foi conhecer o ser, mas dominá-lo; o perspectivismo explicita que a relação entre o sujeito e objeto é uma relação de poder, que tem de ser pensada em termos de vontade de potência. A história da metafísica se conclui, assim, com Nietzsche e, após ele, o esquecimento do ser passa a se identificar com a técnica.

Um enfrentamento crítico com a imensa interpretação heideggeriana<sup>13</sup> de Nietzsche foge a nossos propósitos. Entretanto, parece-nos que Heidegger comete um excesso ao ler o perspectivismo como uma forma de metafísica da subjetividade, pois uma das bases do perspectivismo está precisamente na crítica da noção moderna de subjetividade, que Nietzsche entende como obra do processo de substancialização resultante de nossa crença na linguagem.

## 2. *Perspectivismo hermenêutico-fenomenológico*

Heidegger exerceu, e ainda exerce, forte influência sobre os intérpretes de Nietzsche, sobretudo, na França. No que diz respeito ao perspectivismo, essa influência se faz sentir principalmente

---

<sup>12</sup> *Idem.*

<sup>13</sup> Segundo M. Haar, “jamais un philosophe majeur n’avait mené une lecture aussi longue, détaillée et persistante, dans sa volonté réductrice, que Heidegger de Nietzsche” (HAAR, M. Heidegger: une lecture ambivalente. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 3, out.-nov. 2001, p. 76).

na leitura hermenêutico-fenomenológica que J. Granier articula nutrindo-se não do que Heidegger diz acerca do perspectivismo, mas do modo de pensar heideggeriano.

Granier entende que, em certa medida, o conceito hermenêutico de Ser já estaria formulado em Nietzsche, que não o teria esquecido nem tampouco abolido, mas compreendido que “todo Ser é como *ser-interpretado*”.<sup>14</sup> Nesse sentido, haveria um *perspectivismo hermenêutico-fenomenológico*. Segundo Granier, em Nietzsche

o dualismo da aparência e da *Ding-an-sich* é definitivamente superado: cada aparência é uma aparição, isto é, uma manifestação real, e não há nada a buscar além dessas manifestações. Ser é aparecer. Não no sentido em que o aparecer igualar-se-ia ao Ser, mas no sentido de que toda aparição é revelação do Ser. O perspectivismo nietzschiano não é, pois, de forma alguma um fenomenismo (...). Ao afirmar o perspectivismo do conhecimento, Nietzsche defende, de fato, um pluralismo ontológico: o Ser tem por essência de se mostrar, mas de se mostrar segundo uma infinidade de pontos de vista.<sup>15</sup>

A noção nietzschiana de perspectiva é, desse modo, associada à de fenômeno, não no sentido fenomenalista kantiano, mas no sentido da fenomenologia. Cada perspectiva é uma “aparição”, uma “manifestação”, da “coisa mesma”, do real, do Ser, que se desvela de infinitas formas nas perspectivas. “A noção de perspectivismo se

---

<sup>14</sup> GRANIER, J. *Le problème de la vérité dans la philosophie de Nietzsche*. Paris: Éditions du Seuil, 1966, p. 327.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 314.

imbrica com aquela de interpretação”<sup>16</sup>, de modo que “introduzindo a noção de *interpretação*, Nietzsche impõe a definição do Ser como “texto”. O Ser é semelhante a um texto do qual nós teríamos de tentar a exegese (...) Assim, enquanto a idéia de perspectivismo enfatiza mais o caráter de desvelamento do Ser, a idéia de interpretação acentua seu caráter *equivoco*”<sup>17</sup>.

Conforme Granier, Nietzsche teria defendido um realismo pluralista, uma ontologia da pluralidade que pensa o ser como texto fundamental, isto é, a vontade de potência como um texto caótico, fragmentário, estruturado em múltiplas perspectivas. Granier chega inclusive a entender que essa seria uma ontologia do caos. Por conseguinte, apesar de jamais termos como esgotar a multiplicidade de possibilidades de interpretação do “texto do ser”, é o ser mesmo que se desvelaria perspectivamente nas diversas interpretações.

O principal problema em interpretar o perspectivismo como uma ontologia, ou uma metafísica, como quer Heidegger, decorre de que encontrar em Nietzsche um realismo, ainda que pluralista, se não é propriamente inviável, soa como algo forçado. Nietzsche faz ataques diretos à postura realista e, por vezes, parece oferecer o perspectivismo como uma alternativa a essa forma de pensar. Some-se a isso que a idéia da vontade de potência como um texto fragmentário plural tem de enfrentar as aporias da formulação de um “monismo pluralista”. No caso específico de Granier, acresce ainda o problema de conciliar a idéia do “texto do ser” com a tese central do perspectivismo, que afirma haver apenas interpretações e, por conseguinte, nega que haja sob elas um “texto” fundamental (JGB/BM 22 e 38, KSA 5.37 e 56).

---

<sup>16</sup> *Idem*, p. 314.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 316.

### *3. Perspectivismo transcendental*

Se o perspectivismo não é uma ontologia, isto é, não é uma descrição do mundo, mas, em certo sentido, uma epistemologia, ou seja, uma tentativa de descrição daquilo que se passa no plano do conhecimento, então, uma questão reflexiva se impõe como ponto de partida para a reconstrução. Trata-se de saber se a tese básica do perspectivismo seria retro-aplicável, ou seja, se ao enunciar a proposição  $p$  – “todo conhecimento é perspectivo” poderíamos acrescentar, sem incorrer em contradição, que inclusive  $p$  é perspectivo. Ou seja, trata-se de investigar se há alguma possibilidade da tese perspectivista ser consistentemente auto-referente, ou se, pelo contrário, ela seria necessariamente uma tese auto-refutável. Desse modo, o perspectivismo suscita os mesmos problemas performativos que o relativismo.

Tendo em vista esse “paradoxo do perspectivismo”, certos intérpretes propõem que se distinga entre diferentes níveis discursivos. Assim, o perspectivismo seria um discurso de segunda ordem que descreve, de modo não perspectivo, os vários discursos de primeira ordem. Postula-se, por assim dizer, a existência de dois tipos de conhecimento: um primeiro, direto ou imediato, de caráter perspectivista, que consiste nas várias descrições realizadas pelas ciências, pela arte, pela religião etc., através da aplicação de nossos esquemas conceituais ao mundo; e um segundo, que seria indireto ou mediado e de caráter não perspectivista, consistindo no discurso da epistemologia ou da teoria do conhecimento e resultante de uma reflexão acerca desses esquemas conceituais. Podemos designar as leituras que operam essa distinção entre níveis discursivos de *perspectivismo transcendental*, pois entendem que o perspectivismo resulta da reflexão acerca de nossos esquemas conceituais, sendo, portanto, um discurso de segunda ordem.

F. Kaulbach e V. Gerhardt são os principais defensores do perspectivismo transcendental na Alemanha. Ao colocar o problema da formulação de uma *Perspektive des Perspektivismus*<sup>18</sup>, os autores procuram mostrar que o perspectivismo é o desdobramento da tradição epistemológica moderna, em especial, da filosofia de Kant. Do ponto de vista nietzschiano, a estrutura cognitiva do homem, a subjetividade transcendental, seria marcada por uma *perspectividade*. Baseado numa passagem da *Gaia ciência* que diz: “Não podemos enxergar além de nossa esquina: é uma curiosidade desesperada querer saber que outros tipos de intelecto e perspectiva *poderia* haver” (FW/GC 374, KSA 3.626), Gerhardt afirma que “todo conhecimento está vinculado a perspectivas”.<sup>19</sup> Segundo ele, “Nietzsche tem consciência de que, dessa maneira, traz à expressão uma constituição do conhecimento humano, que se aproxima bastante daquilo que Kant buscou compreender como *condições transcendentais*: não concebemos a realidade como ela é em si, mas apenas como ela ‘aparece’ para nós”<sup>20</sup>.

O perspectivismo seria, assim, a resposta de Nietzsche à pergunta transcendental pelas condições de possibilidade do conhecimento e seria uma superação de Kant, não no sentido de uma ruptura em relação a este, mas de uma reformulação neokantiana, na medida em que teria situado tais condições de possibilidade no próprio mundo. Nietzsche considera que a pergunta “o que posso saber?” seria, como em Kant, precedida pela questão “o que é o homem?”,

---

<sup>18</sup> Com esse termo Kaulbach designa o problema da auto-referência do perspectivismo. Cf. KAULBACH, F. *Philosophie des Perspektivismus*. 1. Teil: Wahrheit und Perspektive bei Kant, Hegel und Nietzsche. Tübingen: Mohr, 1990, p. 230 e ss.

<sup>19</sup> GERHARDT, V. *Friedrich Nietzsche*. Munique: Beck, 1999, p. 138.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 138-9.

entretanto, o homem surge em Nietzsche como um ser finito, um ser natural e histórico em sua existência concreta no mundo.<sup>21</sup> No entanto, afirmar o pertencimento do homem ao mundo não significa negar que haja características humanas universais. Há uma *perspectiva humana universal* que se situa na base de todas as demais perspectivas.

Especialmente influente na literatura de língua inglesa sobre Nietzsche<sup>22</sup>, é a reconstrução neokantiana do perspectivismo elaborada por M. Clark. Segundo a autora, Nietzsche parte de uma crítica à teoria metafísica da correspondência, para propor uma versão de neokantismo que, nesses termos, pode ser incluída sob a rubrica de um *perspectivismo transcendental*.

Tal como eu o interpreto, escreve Clark, Nietzsche concorda com Kant no fato de que não conhecemos coisas em si e no fato de, contrariamente a Descartes, a verdade que somos capazes de descobrir não satisfazer à teoria metafísica da correspondência. No entanto, Nietzsche é anti-kantiano no fato de negar a possibilidade de pensar a coisa em si. Todavia, parece apropriado designar essa posição como “neokantiana” porque chegou a ela pela aceitação e longa reflexão acerca da recusa de Kant em aceitar o conhecimento da coisa em si.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Nessa linha segue também a interpretação de A. Marques, tomando, no entanto, o corpo como esquema e fio condutor, cf. MARQUES, A. *op. cit.*, p. 149-79.

<sup>22</sup> Para uma síntese das principais abordagens de Nietzsche no mundo de língua inglesa, cf. HALES, S. Recent work on Nietzsche. *American Philosophical Quarterly*. Chicago, v. 37, n. 4, out. 2000. Disponível em: <http://www.bloomu.edu/departments/philosophy/pages/content/hales/hales.html>, p. 317-8.

<sup>23</sup> CLARK, M. *Nietzsche on truth and philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 61.

Clark entende que o pensamento epistemológico de Nietzsche se desdobra em duas fases. A primeira fase, caracterizada principalmente por *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, denotaria uma espécie de ceticismo decorrente da aceitação da noção de verdade como uma correspondência que seria, no entanto, irrealizável. Nesse sentido, Nietzsche teria elaborado o que ela chama de *tese da falsificação*, segundo a qual, todas as nossas sentenças falsificam e distorcem a realidade. A verdade seria pressuposta, assim, como coisa em si incognoscível, da qual todo conhecimento seria a falsificação.

A tese da falsificação é claramente auto-refutativa, pois “se todo conhecimento é falso”, também o é a proposição que afirma precisamente o que acabou de ser dito. Clark considera que Nietzsche ter-se-ia dado conta disso e, por conseguinte, procurou eliminar a tese da falsificação no momento de articulação do perspectivismo. Ao aprofundar a crítica à coisa em si, Nietzsche abandona a idéia de correspondência metafísica e conseqüentemente renuncia à tese da falsificação.<sup>24</sup> Desse modo, na segunda fase de seu pensamento, ele tem de retornar, de alguma forma, ao correspondencialismo.

A célebre passagem do *Crepúsculo dos ídolos* em que se afirma que “*com o mundo verdadeiro abolimos também o mundo aparente*” (GD/CI, Como o “mundo verdadeiro” se tornou finalmente fábula 6, KSA 6.81) é vista, nesse sentido, como a proposição de uma da correspondência mínima, que Clark colhe do realismo interno de H. Putnam.<sup>25</sup> Haveria em Nietzsche, portanto, um “realismo perspectivista”, para o qual a realidade manifestar-se-ia, sempre como real, nas diversas perspectivas, isto é, nos diversos esquemas conceituais de que dispomos. Com efeito, não é possível uma verdade absoluta,

---

<sup>24</sup> Cf. *Idem*, p. 103-24.

<sup>25</sup> Cf. *Idem*, p. 132.

correspondente em sentido metafísico, que seria o equivalente do *ponto de vista de Deus*<sup>26</sup>, mas seriam possíveis múltiplas verdades diversamente correspondentes porque baseadas em pontos de vistas distintamente situados. O problema da teoria da correspondência não seria, assim, a idéia de correspondência enquanto tal, que se segue fornecendo o modelo a partir do qual se pensa a verdade, mas a imposição de uma única correspondência. O correspondencialismo mínimo entende ser possível estabelecer múltiplas relações correspondenciais, todas referidas a um mesmo real, que, entretanto, não pode ser concebido de “lugar nenhum”, ou seja, de fora de nossos esquemas conceituais, nossas perspectivas.

A maior dificuldade das reconstruções transcendentais do perspectivismo deve-se a que Nietzsche rejeita, em diferentes momentos, uma distinção entre níveis discursivos. Nesse sentido, a principal objeção perspectivista ao kantismo consiste em que este não pode justificar, senão por meio de uma postulação haurida na crença no valor incondicional da verdade, que, ainda que o conhecimento que temos do mundo seja fenomênico, o conhecimento que temos das condições de possibilidade do conhecimento do mundo, ou seja, o discurso de segunda ordem, seja não fenomênico, mas transcendental. Com base nisso Kant distingue entre *quaestio facti* e *quaestio juris* e formula precisamente uma distinção que Nietzsche pretende repudiar.

No que diz respeito especificamente à abordagem de Clark, parece por demais forçosa a atribuição de um correspondencialismo, ainda que mínimo, a Nietzsche. Sua crítica à noção de verdade ganha radicalidade quando a lemos como uma objeção frontal ao

---

<sup>26</sup> Dado que, para Nietzsche, Deus está morto, não pode haver o que Putnam chama de *God's eye view*. Cf. PUTNAM, H. *Realism with a human face*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

correspondencialismo. O perspectivismo, como já vimos, parte da negação da existência de fatos, o que implica a impossibilidade do estabelecimento de relações correspondenciais (o que haveria de corresponder a nossas proposições se precisamente “fatos” não existem?). Desse modo, a teoria da verdade que melhor se ajusta ao perspectivismo tem de ser uma espécie de anti-correspondencialismo. O perspectivismo assume, assim, uma postura anti-realista que não precisa fazer as concessões que o realismo interno faz.

#### 4. *Perspectivismo semântico*

Uma outra linha interpretativa do perspectivismo, eminentemente lógico-analítica, é aquela que está articulada nos trabalhos de S. Hales e R. Welshon. Trata-se aqui de um *perspectivismo semântico* que, como os próprios autores reconhecem, aborda Nietzsche com aporte na filosofia analítica contemporânea e, nessa medida, tem como precursores A. Danto, M. Clark, P. Poellner, e como companheiros de viagem R. Schacht e A. Nehamas.<sup>27</sup> No entanto, sua singularidade não reside apenas em utilizar categorias analíticas para reconstruir o perspectivismo, mas em considerá-lo como uma posição forte no debate analítico atual. Ou seja, Hales e Welshon não apenas se valem de ferramentas analíticas para pensar o perspectivismo; como também se servem do perspectivismo para dar respostas e fornecer alternativas para a filosofia analítica.

O ousado projeto em que esses analíticos nietzschianos se envolveram pode ser definido como uma tentativa de formular um relativismo consistente com o padrão analítico de racionalidade, ou seja, trata-se de propor um *relativismo auto-referencialmente*

---

<sup>27</sup> Cf. HALES, S; WELSHON, R. *Nietzsche's perspectivism*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 2000, p. 3.

*consistente*. As intuições de Nietzsche sobre o perspectivismo são, nesse sentido, uma inspiração fundamental. Hales entende que o problema da consistência do relativismo, tão antigo quanto a própria filosofia, poderia ser colocado em outro patamar por meio da formulação de uma *semântica perspectivista* baseada numa relação entre os “mundos possíveis” de Kripke e as perspectivas nietzschianas. A semântica perspectivista consiste na introdução de certos operadores na lógica modal alética: os “operadores perspectivísticos”. Segundo Hales, “não é mais incoerente relativizar a verdade de proposições a perspectivas dada uma semântica perspectivista que relativizar a verdade de proposições a mundos possíveis dada uma semântica de mundos possíveis, ou relativizar verdade a linguagens dado um rol (*array*) de linguagens”.

A formulação de um relativismo consistente, nesses termos, implica uma ampla reconstrução do perspectivismo, a começar por uma teoria perspectivista da verdade. Tendo em vista, o problema da auto-referência do perspectivismo, a que chamam de *puzzle of perspectivism*<sup>28</sup>, Hales e Welshon propõem a superação da dicotomia *absolutismo forte/perspectivismo forte* (equivalente à noção paradoxal de *relativismo absoluto*), que se reduzem um ao outro, por meio da adoção de um *perspectivismo fraco*.

O perspectivismo fraco deve ser tomado como a tese de que há ao menos uma sentença tal que há alguma perspectiva na qual ela é verdadeira, e alguma perspectiva na qual ela é não-verdadeira. Observe que é consistente com o perspectivismo fraco que algumas sentenças mantêm o mesmo valor de verdade em todas as perspectivas, isto é, pode-se sustentar que verdadeiramente muitas – quase todas – as sentenças mantêm seu valor de verdade perspectivamente, e ainda

---

<sup>28</sup> Cf. *Idem*, p. 21-31.

entender que não obstante algumas sentenças mantêm seus valores de verdade absolutamente. Em outras palavras, algumas sentenças mantêm seus valores de verdade através de todas ou em todas as perspectivas. Essa é visão acerca da verdade oferecida em favor de Nietzsche.<sup>29</sup>

Com base nessa teoria perspectivista da verdade, os autores passam a uma reconstrução do perspectivismo entendido como tema unificador das reflexões de Nietzsche, que dessa forma assumem um caráter marcadamente sistemático. O termo “perspectivismo” ganha, assim, vários significados, podendo ser referido a uma lógica, uma ontologia, uma epistemologia, uma teoria da causalidade e uma teoria da consciência ou do eu, todas igualmente perspectivistas.<sup>30</sup> Entre outras coisas, defendem que Nietzsche dispõe de uma ontologia anti-realista que culmina em uma teoria dos feixes de objetos (*bundle theory of objects*)<sup>31</sup>, a qual é correlata a uma epistemologia contextualista que rejeita a possibilidade de conhecimento *de re*, mas admite a possibilidade de conhecimento *de dicto*.<sup>32</sup>

Certamente são muitos os méritos dessa sofisticada versão semântico-modal do perspectivismo. Seus efeitos e alcance, em especial, no interior do debate analítico contemporâneo dificilmente podem ser, por enquanto, mensurados. O perspectivismo semântico pode se mostrar como um novo alento para uma tradição que ameaça soçobrar.

No entanto, a nosso ver, seu principal defeito consiste em ter forçado ao extremo o enquadramento de Nietzsche e do perspectivismo

---

<sup>29</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>30</sup> Cf. *Idem*, *passim*.

<sup>31</sup> Cf. *Idem*, p. 57 e segs.

<sup>32</sup> Cf. *Idem*, p. 111 e segs.

no *standard* de consistência da filosofia analítica, com o que esses acabam por perder seus propósitos. Ao conceber um perspectivismo fraco que admite sentenças de “validade transperspectiva”, Hales e Welshon chegam à *contradictio in adjecto* de uma “perspectiva absoluta”. Ou seja, para evitar a auto-refutabilidade do perspectivismo, terminam por entender que a sentença que contém a tese básica do perspectivismo conta com tal validade transperspectiva, assim como ocorre com os princípios da lógica clássica, demonstrados, via contradição performativa, pelo menos, desde Aristóteles. Nesse contexto, cabe uma pergunta: seria possível conceber uma perspectiva constituída somente e tão-somente de sentenças com validade transperspectiva? Isso parece ser, ainda que não o reconheçam, o que fizeram Hales e Welshon.

### *5. Perspectivismo pragmático*

Baseados no pragmatismo, tanto aquele da tradição norte-americana, especialmente o de James, quanto em sua forma lingüística mais recente, que deriva das reflexões do segundo Wittgenstein, vários intérpretes propõem um tipo de reconstrução do perspectivismo que aqui se designa por *perspectivismo pragmático*. A despeito de suas diferenças específicas, *Nietzsche as philosopher*, de A. Danto, que adquiriu o *status* de clássico, continua sendo o modelo para as leituras pragmáticas do perspectivismo.

No contexto, que já não é o nosso, de total hegemonia da filosofia analítica, Danto ousa reconstruir o pensamento de Nietzsche em termos que fazem dele justamente um precursor desse movimento.

Nietzsche raramente foi tratado como filósofo, e nunca, eu acho, a partir da perspectiva, que compartilha em certo grau, da filosofia analítica contemporânea. Nos últimos anos, filósofos estiveram preocupados com pesquisas em lógica e lingüística, pura e aplicada, de

modo que eu não hesitei em reconstruir os argumentos de Nietzsche nesses termos. (...) Nietzsche não pode ser visto como sendo uma influência sobre o movimento analítico na filosofia, exceto de uma maneira tortuosa e subterrânea. Antes, cabe ao movimento reclamá-lo como predecessor.<sup>33</sup>

A principal razão para a então inusitada aproximação entre Nietzsche e a analítica, Danto a encontra no tratamento terapêutico da linguagem que aquele desenvolve.

As afinidades de Nietzsche com a filosofia analítica (...) não são tão evidentes em outro lugar quanto em sua preocupação com a linguagem. (...) Seria claramente uma distorção sugerir que Nietzsche antecipou as discussões que dominaram a filosofia nos anos recentes. Mas ele é inquestionavelmente um predecessor. Podemos ver problema após problema atacado por ele em referência ao que chama de modos enganosos de expressão – que são os modos de expressão empregados em toda parte. Pareceu-lhe claro que os homens são seduzidos pela gramática da linguagem que falam e implicitamente acreditam estar descrevendo o mundo quando, de fato, o mundo tal como concebem é apenas um reflexo da estrutura de sua língua.<sup>34</sup>

Nietzsche lidaria, assim, com os problemas clássicos da filosofia não tendo em vista resolvê-los, mas dissolvê-los, torná-los destituídos de sentido (*unsinnig*), revelando-os como pseudo-problemas através de uma *terapia* da linguagem. Essa terapia seria o sentido da frase do *Crepúsculo dos ídolos* que adverte: “Receio que não nos livraremos de Deus, pois ainda cremos na gramática” (GD/CI,

---

<sup>33</sup> DANTO, A. *Nietzsche as philosopher*. Nova York, Londres: MacMilan, 1965, p. 13-4.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 83-4.

A “razão” na filosofia 5, KSA 6.78). A leitura pragmática do perspectivismo parte, portanto, de uma aproximação com Wittgenstein, segundo o qual “a filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem”.<sup>35</sup> É a sedução da linguagem, no dizer de Nietzsche, ou as ilusões gramaticais, nas palavras de Wittgenstein<sup>36</sup>, o que nos leva a substancializar itens lingüísticos, isto é, a crer o que “sujeito”, “objeto”, “ser” etc., seriam, mais que meras funções da linguagem, entidades substanciais.

A relação entre Nietzsche e o segundo Wittgenstein mostra-se fértil, para além da questão da terapia, sobretudo, no que diz respeito ao pluralismo lingüístico que ambos defendem. Perspectivas podem ser aproximadas, de modo particularmente pertinente, de jogos de linguagem, assim como as formas de vida de Wittgenstein são semelhantes aos “tipos” nietzschianos.<sup>37</sup> Em suma, ambos os autores desenvolvem uma abordagem da linguagem em termos pragmáticos, considerando-a como uma *práxis* social e definindo o significado e a verdade em termos de uso.<sup>38</sup>

A proximidade entre perspectivismo e pragmatismo pode ser evidenciada também no que diz respeito à teoria da verdade.<sup>39</sup> Segundo Danto, abandonando o correspondencialismo, “Nietzsche

<sup>35</sup> WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 2.ed. Trad. J. C. Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Col. “Os Pensadores”), §109.

<sup>36</sup> Cf. *Idem*, §§ 110, 116.

<sup>37</sup> Nesse sentido, compare-se o KSA 12.315, Nachlass/FP 7[60] com o §23 das *Investigações filosóficas*.

<sup>38</sup> O §354 da *Gaia ciência* pode ser lido, nesse sentido, como uma antecipação do argumento da linguagem privada. Acerca desse último, cf. WITTGENSTEIN, L. *op.cit.*, §§243 e ss.

<sup>39</sup> Cf. MOTA, T. Para uma leitura lingüístico-pragmática da teoria da verdade do jovem Nietzsche. *Cognitio-Estudos*: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 134-42, dez. 2006. Disponível em: [http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/cognitio\\_estudos/cog\\_estudos\\_v3n2/cog\\_est\\_v3\\_n2\\_mota\\_t14\\_134\\_142.pdf](http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/cognitio_estudos/cog_estudos_v3n2/cog_est_v3_n2_mota_t14_134_142.pdf).

(...) avança um critério pragmático de verdade: *p* é verdadeiro e *q* é falso se *p* funciona (*works*) e *q* não”.<sup>40</sup> Ou seja, não só há uma teoria perspectivista da verdade, de modo que este pode se afastar das formas mais cruas de ceticismo e relativismo, como tal teoria é pragmática, pois estabelece como critério de verdade a eficácia, o melhor desempenho, enfim, a utilidade. É isso o que Nietzsche quer dizer quando define verdade como “a espécie de ‘erro’ sem o qual uma determinada espécie de seres vivos não poderia sobreviver” (KSA 11.502, Nachlass/FP 34[243]).

No entanto, é também a partir da problematização da noção de utilidade em Nietzsche que as diferenças entre o perspectivismo e o pragmatismo podem ser concebidas. Na *Gaia ciência*, lemos:

Não temos nenhum órgão para o *conhecer*; para a “verdade”: nós “sabemos” (ou cremos, ou imaginamos) exatamente tanto quanto pode ser *útil* ao interesse da grege humana, da espécie: e mesmo o que aqui se chama “utilidade” é, afinal, apenas uma crença, uma imaginação e, talvez, precisamente a fatídica estupidez da qual um dia pereceremos (FW/GC 354, KSA 3.593).

Nietzsche não parece disposto a comungar com a tendência utilitarista do pragmatismo, ainda que entenda que o critério de verdade se encontra, de alguma forma, na utilidade. É que Nietzsche pensa a utilidade como uma utilidade na luta: “‘Útil’ no sentido da biologia darwiniana, i. é, o que se revela favorável e propício na luta com os outros” (KSA 12.309, Nachlass/FP 7[44]). A adoção de um critério pragmático de verdade no perspectivismo pressupõe, assim, que as perspectivas não são incomensuráveis como os jogos de linguagem de Wittgenstein, mas que se estabelecem lutas

---

<sup>40</sup> DANTO, A. *Nietzsche as philosopher*. Nova York, Londres: MacMilan, 1965, p. 72.

entre perspectivas, relações de poder que constituem um *espaço conflitual interspectivo*, em que cada perspectiva combate pela supremacia. Portanto, a utilidade é assumida por Nietzsche como critério de modo agonístico, ou seja, trata-se do *poder como critério pragmático-agonístico de verdade*.

Essa é, a nosso ver, a principal deficiência do perspectivismo pragmático tal como concebido até aqui. Ao perder de vista que a relação entre verdade e poder é a base da epistemologia perspectivista, a leitura pragmática não é capaz de perceber que o perspectivismo se complementa e esclarece por meio de um agonismo. Problema que não é pequeno, na medida em que esta seria precisamente a contribuição que uma reflexão sobre Nietzsche poderia trazer ao movimento pragmático.

**Abstract:** This paper proposes a balance of the recent debate on Nietzsche's perspectivism, discussion which aims the problem of the reference to the becoming and the problem of the self-reference or the *puzzle* of perspectivism. Five positions were identified in the debate: 1) *meta-physical perspectivism*, 2) *hermeneutic-phenomenological perspectivism*, 3) *transcendental perspectivism*, 4) *semantic perspectivism* and 5) *pragmatic perspectivism*. We conclude that the pragmatic interpretation is the one offering the most of advantages for it permits to think in a non-foundationist and non-correspondentist way and at the same time it authorizes to speak in terms of a pragmatic-agonistic perspectivism.

**Key-words:** knowledge – language – perspectivism – pragmatism – agonistics

## referências bibliográficas

1. CASTRO, E. “Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio”. In: *Mana*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1996, p. 115-144.
2. CLARK, M. *Nietzsche on truth and philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
3. COX, C. *Nietzsche: Naturalism and Interpretation*. Berkeley: University of California Press, 1999.
4. DANTO, A. *Nietzsche as philosopher*. Nova York, Londres: MacMilan, 1965.
5. GERHARDT, V. *Friedrich Nietzsche*. Munique: Beck, 1999.
6. GERHART, V.; HEROLD, N. (orgs.). *Perspektiven des perspektivismus: Gedenkschrift für Friedrich Kaulbach*. Würzburg: Königshausen, Neumann, 1992.
7. GRANIER, J. *Le problème de la vérité dans la philosophie de Nietzsche*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
8. HAAR, M. Heidegger: une lecture ambivalente. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 3, out.-nov. 2001.
9. HALES, S. “Recent work on Nietzsche”. In: *American Philosophical Quarterly*. Chicago, v. 37, n. 4, out. 2000. Disponível em: <http://www.bloomu.edu/departments/philosophy/pages/content/hales/hales.html>.
10. HALES, S; WELSHON, R. *Nietzsche’s perspectivism*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 2000.
11. HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Trad. J. L. Vermaal. Barcelona: Destino, 2000. 2 v.

12. KAULBACH, F. *Philosophie des Perspektivismus*. 1. Teil: Wahrheit und Perspektive bei Kant, Hegel und Nietzsche. Tübingen: Mohr, 1990.
13. MARQUES, A. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial/ Ed. UNIJUÍ, 2003.
14. MOTA, T. Para uma leitura lingüístico-pragmática da teoria da verdade do jovem Nietzsche. *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 134-42, dez. 2006. Disponível em: [http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/cognitio\\_estudos/cog\\_estudos\\_v3n2/cog\\_est\\_v3\\_n2\\_mota\\_t14\\_134\\_142.pdf](http://www.pucsp.br/pos/filosofia/Pragmatismo/cognitio_estudos/cog_estudos_v3n2/cog_est_v3_n2_mota_t14_134_142.pdf)
15. MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. 2.ed. Trad. O. Giacoia Jr. São Paulo: Annablume, 1997.
16. NIETZSCHE, F. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1967-1978. 15 v.
17. ———. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
18. ———. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
19. PUTNAM, H. *Realism with a human face*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.
20. WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. 2.ed. Trad. J. C. Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Col. “Os Pensadores”).